

MEIO AMBIENTE

Hidrelétricas preocupam Itália

por Cláudio Kuck de Altamira

A pressão internacional contra a construção de grandes barragens e usinas hidrelétricas na Amazônia se intensificou ontem no I Encontro dos Povos Indígenas no Xingu. O secretário-geral para a Itália da Organização Ecológica sediada em Londres "Amigos da Terra", Roberto Esmeraldi, leu mensagem do ministro da Economia italiano, Giuliano Amato, contra as planejadas hidrelétricas do Xingu. A nota foi enviada também ao governo brasileiro, expressando a preocupação do governo italiano com a sobrevivência das nações indígenas e a preservação ambiental.

Os 1,5 mil participantes do encontro foram informados de que o ministro do Exterior italiano, Giulio Andreotti, afirmou, ontem em Roma, que é a favor do cancelamento de parte da dívida externa brasileira, desde que estes recursos sejam utilizados na preservação da Amazônia e na melhora de condições de vida da população. Já o deputado belga Paul Staes, do Parlamento Europeu, disse oficialmente no encontro que vai fazer intenso trabalho na Comunidade Econômica Européia para sustar os US\$ 600 milhões restantes do financiamento do projeto Grande Carajás.

As menções contra o governo brasileiro tiveram, ainda, ontem, outro importante aliado, no influente deputado do Partido Trabalhista britânico, Tam Dalyell, que disse ter pedido explicações ao governo britânico, junto ao Banco Mundial (BIRD), sobre financiamentos para projetos na Amazônia. Ele se posicionou contra a usina de Kararaó, "porque a Amazônia é um problema mundial", embora seja contra a internacionalização da região. Quanto à pretensão do deputado verde belga, Paul Staes, de suspensão de empréstimo já aprovado para a Grande Carajás, ele foi cauteloso, comentando apenas: "Acho também que os europeus não devem dar aulas ao governo brasileiro".

Dalyell garantiu a este jornal que ao retornar a Londres vai insistir junto ao governo de Margaret Thatcher para que use sua influência no BIRD para que os projetos para a Amazônia "sejam repensados, rediscutidos, sempre dentro de um prisma de conservação ecológica e das terras indígenas".

O deputado, que faz oposição ao governo conservador de Thatcher, lembrou



José Lutzemberger

ainda que a Grã-Bretanha tem sido muito intransigente quanto à renegociação da dívida externa brasileira, "em melhores condições, que possibilitem ao governo brasileiro sair do atual sufoco, inclusive para tratar melhor a preservação do meio ambiente". Ele afirmou que há ministros dentro do governo que já estão sensibilizados com o problema e têm outra posição. "E neste setor que vamos atuar também para que a primeira-ministra suavize sua atual posição."

Tam Dalyell, que no plenário defendeu a ecologia, foi contraditório depois, ao dizer aos jornalistas que, além de suspender imediatamente os projetos das grandes hidrelétricas, o Brasil deveria garantir assistência técnica dos Estados Unidos e da República Federal da Alemanha para construir usinas nucleares.

O italiano Esmeraldi, da "Amigos da Terra" — com grupos ativos em 35 países —, explicou que a nova posição do governo da Itália contra as hidrelétricas foi consequência de milhares de cartas de protesto que recebeu. Disse também que os jornais ingleses iniciaram campanha publicitária, pedindo que o povo britânico pressione bancos como o Midland e o Lloyds para retirar proposta de financiamento de US\$ 600 milhões para a construção de hidrelétricas na Amazônia.

Ele disse ainda que cada vez é maior a pressão contra os US\$ 500 milhões do BIRD retidos há dois anos para o Brasil cuja decisão final deverá ocorrer em dois meses. "Na Itália, a tendência é vetá-lo, enquanto o mesmo caminho pode ser seguido na Inglaterra e nos Estados Unidos, a não ser que o dinheiro seja investido com outra finalidade que não seja a continuação de hidrelétricas."

O físico José Lutzemberger encerrou o encontro, ontem, dizendo que o governo brasileiro é que in-

Passeata contra Kararaó

por Cláudio Kuck de Altamira

Quatro mil pessoas participaram ontem, na parte mais pobre da periferia da Altamira, de uma passeata contra a construção da usina de Kararaó, já rebatizada pela Eletro-norte (por pressão dos índios), como "Belo Monte". A manifestação foi organizada pela Igreja, principalmente pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), e não chegou ao centro da cidade, como a realizada na última terça-feira pelo movimento Pró-Kararaó, comandado pelos comerciantes locais e pela União Democrática Ruralista (UDR).

Todos estavam a pé ou de bicicleta, sem a presença de automóveis e tratores como na passeata pró-usina, quando também o prefeito Armino Denardim decretou ponto facultativo na cidade, dando todo o apoio, e o comércio fechou suas portas, para possibilitar que 10 mil pessoas defendessem a barragem.

Ontem, todos gritavam "slogans" contra a destruição da Amazônia, a morte de Chico Mendes e o alagamento de parte de Altamira, além de cantar hinos com mensagens ecológicas e religiosas. Os índios não participaram da manifestação, à exceção do cacique Raoni.

ternacionaliza a Amazônia, "ao entregar recursos e materiais de Carajás a preços vis para as multinacionais".

Lutzemberger disse que, para os empreiteiros, "não há barragem que chegue, para seu apetite por lucros, sem pensar no futuro do meio ambiente". Ele foi contra o perdão da dívida

brasileira pelos bancos estrangeiros, "senão o governo Sarney logo começa a fazer uma dívida maior ainda. O que é preciso é convertê-la em projetos preservacionistas, o que não implica internacionalização da Amazônia. O dinheiro simplesmente vem e o Brasil implanta seus programas".

Mesquita vê "chantagem" na questão amazônica

O presidente do Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, acusou ontem o Departamento de Estado norte-americano e os países industrializados de utilizarem a questão da Amazônia para chantagear o Brasil. "Claro que temos que cuidar do nosso meio ambiente, mas há algumas coisas por trás dessa celeuma. No fundo, querem bloquear o nosso desenvolvimento econômico", afirmou.

"Há o dedo do Departamento de Estado nisso aí", acrescentou. "Esses países industrializados nos impõem um modelo econômico, político e cultural, exigindo que os brasileiros tenham o mesmo estilo de vida dos europeus e norte-americanos. Criam restrições às exportações. Impõem uma dívida externa que não temos mais como pagar, acho, inclusive, que o governo não deveria pagar mais nem um tostão. E tentam impedir a exploração de nossos recursos naturais, quando a maior poluição é deles. Veja que a própria Alemanha, que tantas cobranças nos faz, está envolvida com uma fábrica de produtos químicos

na Líbia, conforme publicou a imprensa."

Mesquita, ex-porta-voz da Presidência da República, conta, apesar de tudo, com o apoio financeiro de instituições internacionais para cumprir os objetivos do órgão que preside. Assim, espera aumentar a receita prevista para 1988 para o recém-criado Instituto do Meio Ambiente. Os recursos orçamentários — que somam aproximadamente NCz\$ 230 milhões, ainda sujeitos a corte — são herdados das quatro autarquias absorvidas pelo instituto: Superintendência de Desenvolvimento da Borracha (Sudhevea), Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (Sudepe) e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

NAVIOS — Dia 8 de março às 11,30 horas, no gabinete do ministro dos Transportes, será assinado um contrato entre o conselho diretor do Fundo de Marinha Mercante e as empresas Ishibrás, Mitsui e Chevron para a construção de três navios petroleiros de 150 mil toneladas de porte bruto cada um.